



Campo Comunicação/Educação: mediador do processo de recepção¹

Maria Aparecida BACCEGA²

Mestrado da Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP;
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

As características que fazem o campo comunicação/educação constituir-se presença hegemônica no processo de recepção, mediador fundamental na construção dos sentidos sociais, são o eixo deste trabalho. O território que se configura no encontro emissor-interlocutor, solidificado nas práticas culturais das quais advém e às quais retorna reelaborado, tem como raiz forte a potência da ação deste campo, revelada não só na construção dos sentidos sociais, mas, e sobretudo, na sua difusão à sociedade como um todo. O movimento do receptor, as lógicas de produção (posturas regulatórias), a inter e transdisciplinaridade necessárias para seu conhecimento são discussões aqui presentes. Procura-se mostrar, assim, a importância deste campo para a formação do cidadão, o qual tem, hoje, como necessidade prioritária, a capacidade de “saber ler” e de agir criticamente nesse mundo editado.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação/educação; recepção; mediação; inter e transdisciplinaridade

TEXTO DO TRABALHO

Este texto objetiva trazer à discussão as questões referentes ao campo comunicação/educação, considerado aqui como o mediador principal no processo de recepção.

A recepção não é apenas um momento, não é apenas o que acontece no lapso de tempo que transcorre no encontro emissor-receptor. Ela é o ponto de chegada de um largo processo de práticas culturais do receptor, que lhe permitem destacar, perceber aquilo que vê, ouve ou lê de um determinado modo.

O entendimento, a interpretação resultam da memória comum entre as práticas culturais do receptor e o texto de saída. Para ser entendido, o texto está condicionado à

¹ Trabalho apresentado ao NP Comunicação Educativa, do VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom 2008

2. Docente e pesquisadora do Programa de Mestrado Comunicação e práticas de consumo (ESPM); Profa. Associada da ECA-USP; fundou e dirigiu a revista *Comunicação & Educação* (USP-Paulinas) de 1992 a 2003; Coordenadora Honorária do curso Gestão da Comunicação (ECA-USP). Autora de artigos e livros, entre os quais *Televisão e escola: uma mediação possível?* (Senac) E-mail: mabga@usp.br e mbaccega@espm.br <http://lattes.cnpq.br/8872152033316612>



condição de revelar interseções de ambas as culturas; de desenhar as intertextualidades; de ter referencialidade no universo do sujeito receptor e, finalmente, que ele seja o elo seguinte do domínio a que pertence: seja artístico, jurídico, comunicacional, religioso etc.

Por outro lado, a recepção é ao mesmo tempo o ponto de partida de um processo sobre o qual não se pode ter controle. Como círculos que se formam na água quando atiramos uma pedra, sua influência vai se expandindo de vários modos, abrangendo outros receptores, encontrando-se com outros processos de recepção em curso quer seja do próprio sujeito quer seja dos outros sujeitos sociais. Assim vai se desenhando a influência dos meios de comunicação na sociedade.

O movimento da emissão faz iniciar o processo de recepção. E a comunicação só existe quando ocorrem não só emissão/recepção, mas quando os sujeitos trocam de lugar: o enunciatário, o que “recebe” o discurso do enunciador (o que emite), transforma-se ele próprio em enunciador do “recebido”.

Em outras palavras: a comunicação se dá quando ocorre interseção entre os dois “pólos” e quando o emitido volta ao cenário com as modificações, maiores ou menores, realizadas pelo enunciatário/receptor.

A emissão (seja verbal ou não-verbal, seja pessoal ou midiática, seja presencial ou a distância, seja um conjunto de todas essas modalidades) resulta também de um processo que revela as práticas culturais do emissor. Há, porém, uma distinção, uma marca, que se destaca na emissão: além das características já mencionadas, ela carrega as posturas regulatórias. Ou seja: o receptor vê, ouve ou lê o que foi considerado “adequado” aos valores hegemônicos da sociedade e aos objetivos da empresa ou empresas que produzem. Essas posturas regulatórias são da própria natureza do produto emitido. O receptor “lê” o produto de acordo com suas práticas culturais, como dissemos, mas o produto “lido” já vem pleno, ou mais ou menos, de uma reinterpretação do que aí está já, revelando uma reinterpretação que tenha sido considerada também adequada.

No texto *Pistas para entre-ver meios e mediações*, escrito como prefácio à 5ª. Edição espanhola do livro *Meios e mediações*, Martín-Barbero compõe o seu mapa das mediações com quatro faces: matrizes culturais, formatos industriais, competências de recepção (consumo) e lógicas de produção³.

³ Trata-se de texto que abre largas avenidas para o estudo de recepção. De leitura obrigatória aos que trabalham com comunicação.



Interessam-nos, aqui, as Lógicas de Produção, pois elas se incluem, mais fortemente que as outras (embora todas sejam importantes para as relações emissão-recepção), as posturas regulatórias. Segundo o autor,

a compreensão do funcionamento das Lógicas de Produção mobiliza uma tríplice indagação: sobre a estrutura empresarial – em suas dimensões econômicas, ideologias profissionais e rotinas produtivas; sobre sua competência comunicativa – capacidade de interpelar/construir públicos, audiências, consumidores; e muito especialmente sobre sua competitividade tecnológica: usos da Tecnicidade dos quais depende hoje em grande medida a capacidade de inovar nos Formatos Industriais. Porque a tecnicidade é menos assunto de aparatos do que de operadores perceptivos e destrezas discursivas. Confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como supor que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação.⁴ (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.18).

Pensar a comunicação considerando que os meios são “exteriores e acessórios” a ela não cabe. Mas também pensar a comunicação como sendo só a que se formula nos meios é de um reducionismo insustentável, afirma Martín-Barbero. E mais, acrescentamos: reduzir aos meios coloca de lado o campo comunicação/educação como um dos lugares, até privilegiado, da construção dos sentidos sociais. Para além dos meios, mas não sem eles.

I

E quem são os agentes desse campo comunicação/educação? Somos todos os que participamos de uma determinada comunidade, que vivemos no tempo e espaço de uma dada sociedade, que recebemos e reconfiguramos permanentemente a realidade e a devolvemos, ressemantizada, à dinâmica da cultura, num processo que passa de geração a geração.

Essa realidade é atravessada pela presença dos meios de comunicação, os quais, cada vez mais tecnologicamente desenvolvidos – o que lhes permite estar em muitos espaços ao mesmo tempo -- têm na sua natureza a condição de educar. Ocupam lugar privilegiado no processo de educação, constituem o fio mais forte da trama da cultura.⁵

⁴ MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio à 5ª. Edição espanhola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 18.

⁵ Sabemos que a família é a primeira agência de socialização. Nosso interesse, no entanto, se volta para a grande luta que se trava entre mídia e escola na constituição dos valores hegemônicos e que atinge também a família. .



Nesse processo, mostram às pessoas os fatos tal qual foram editados, tal qual eles os redesenharam. O fato, até chegar ao rádio, à televisão, ao jornal ou ao ciberespaço, estar na fala do vizinho ou no comentário dos alunos, passou por uma série de mediações – instituições ou pessoas – que selecionam o que vamos ouvir, ver ou ler; que fazem a montagem do mundo que conhecemos, que editam o mundo oferecendo-nos apenas pedaços, fragmentos de realidade que os mediadores consideram que podemos conhecer. E sempre a partir do ponto de vista com o qual é narrado. Aponta sempre para uma realidade fugaz, fluida, líquida, que não dura mais que três dias na mídia. (A mercadoria jornal, televisão, revista precisa ser vendida em grande número e uma história que se demore pode causar desinteresse aos leitores, aos espectadores em geral. O menino que morde o cachorro é diariamente procurado pela mídia.)⁶ Essa fluidez resulta em geral da edição.

Editar é reconfigurar alguma coisa, dando-lhe novo significado, atendendo a determinado interesse, buscando um determinado objetivo, fazendo valer um determinado ponto de vista. O conhecimento desse mundo editado e a atuação nele são também objetos de preocupação do campo comunicação/ educação. Para essa discussão há que se ter um alargamento de visão que necessita de um conjunto de saberes para a aproximação ao objeto.

Esse campo, como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes, propõe o reconhecimento dos meios de comunicação como um outro lugar do saber, atuando juntamente com a escola. Tarefa bastante complexa, e que tem que ser operada sem preconceitos.

Para avançar nessa discussão sobre a construção desse campo, é importante buscar conhecer o lugar primeiro onde os sentidos verdadeiramente se formam e se desviam, emergem e submergem: a sociedade, com seus comportamentos culturais, levando-se em conta, principalmente, a pluralidade de sujeitos que habita cada um de nós.

Na complexidade desse encontro – comunicação/ educação –envolvido pela sociedade, pela práxis, os sentidos se ressignificam e a capacidade de pensar criticamente a realidade, de conseguir selecionar informação (disponível em maior número cada vez maior graças à tecnologia, Internet, por exemplo) e de inter-relacionar conhecimentos, torna-se indispensável.

⁶ Fazemos aqui referência ao dito que circula entre os que se interessam pelas questões da imprensa: um cachorro que morde uma criança não é notícia. Só é notícia quando a criança morde o cachorro.



Afinal, como viver numa sociedade onde a circulação de bens simbólicos mercadorizados está imbricada no cotidiano, produzindo uma porosidade que parece levar à acomodação aos valores hegemônicos? Conhecer os mecanismos dessa dinâmica é um dos caminhos para que as relações sujeito/objeto sejam operadas num processo de interação efetiva e não de mera subordinação. Interação indispensável para que o homem exerça sua condição de sujeito da História.

O enfrentamento dessa discussão (além de muitas outras), a construção do objeto científico, seu conhecimento a partir do macrocontexto em relação com os microcontextos tornam-se indispensáveis, pois os meios, atribuindo significado à realidade, ajudam a conformar nossas identidades. Eles apresentam profundas implicações no funcionamento da sociedade contemporânea, participando ativamente do processo educativo.

Sua presença envolve a todos, percorrendo todos os níveis: do internacional, ao nacional, ao local; do individual (singular) ao particular, ao genérico, enlaçando-os, num movimento permanente de ir e vir.

Nessa condição, os meios têm sido, há algum tempo, um dos objetos das Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia, Psicologia, Pedagogia etc., tendo sido estudados a partir do olhar de cada uma delas. A concepção de campo da comunicação e, especificamente, do campo da comunicação/educação é bastante recente e permanentemente discutida. A conjunção de saberes e a dinâmica aí presentes firmam-se pouco a pouco, à medida que se revela impossível pensar a complexidade dessa etapa do capitalismo de outro modo.

Houve avanços. O campo comunicação/educação, cujo objetivo, consideramos, é o estudo do “lugar” da constituição dos sentidos sociais, resultado do embate escola-mídia, é multi e transdisciplinar: Economia, Política, Estética, História, Linguagens, entre outros saberes, o compõem. Agora, são os vários saberes, em conjunção, que vão olhar o campo. E não um saber de cada vez como era da tradição.

Cada um desses saberes dialoga com os outros, elaborando, desse modo, um aparato conceitual que coloca a comunicação – não apenas a midiática, embora esta modalidade seja a de maior alcance – e suas relações com a educação no centro das investigações e procura dar conta da complexidade desse diálogo. O conceito de campo cultural amplia-se e tem como um dos sujeitos os meios de comunicação, diferentemente do que sempre se viu: cultura de um lado e meios de comunicação de outro, exterior ao âmbito cultural. Maiores produtores de significados compartilhados



que jamais se viu na sociedade humana, os meios incidem fortemente sobre a realidade social e cultural.

O campo comunicação/educação, fundamental para a construção da cidadania, inclui, mas não se resume a, educação para os meios, leitura crítica dos meios, uso da tecnologia em sala de aula, formação do professor para o trato com os meios, percurso que vai do território digital a arte-educação, de meio ambiente a educação a distância, entre muitos outros tópicos, sem esquecer os vários suportes, as várias linguagens – televisão, rádio, teatro, cinema, jornal, ciberespaço, etc. Ele se rege pela busca do conhecimento do processo de constituição dos signos e seus significados sociais, sua operação no cotidiano e, sobretudo, a consciência de que os significados desses signos - os quais resultam da luta permanente que ocorre no campo – refletem/ refratam a disputa entre os valores hegemônicos, mantenedores do status quo, com os valores emergentes, em construção, que apontam o caminho da transformação e que tudo fazem para não serem sufocados. Esta luta que tem no social sua maior arena, tem no campo, como dissemos, lugar privilegiado de ressignificação, seja para ratificação, seja para retificação, seja para manutenção, seja para reforma ou revolução.

O campo rege-se também pelo estudo da inserção neste mundo editado, com o qual todos convivemos, e cuja edição atende aos objetivos dos valores hegemônicos. E é exatamente porque todos vivemos neste mundo fruto de edições, e que queremos modificar, que o campo comunicação/educação revela sua importância.

É a consciência da luta que se trava no âmbito dos valores que os signos portam que poderá tonificar o processo de transformação social.

II

O tema da emissão foi abordado no início deste texto. Algumas de suas características lá estão. Retomamos aqui as questões vinculadas à natureza do processo e produto da emissão, vez que está no produto emitido, com suas limitações, o início dos processos de mediação, de recepção.

Quando falamos em mediação no âmbito da produção estamos nos referindo também

“aos processos organizativos dos meios de comunicação. É considerada a influência do contexto da produção – tanto se for concebido como um entorno profissional, uma organização específica, uma indústria, ou, mais em geral,



como as relações sociais de poder na sociedade – sobre o que se produz”⁷.
(CURRAN, 1998. p. 258.)

1

Esses processos organizativos são costumeiramente chamados de normatizadores, reguladores. As inovações e variações se apagam ou esmaecem diante de outro fato que caracteriza a etapa atual do capitalismo: o crescimento dos impérios de comunicação, hoje em escala mundial, ditando um dever-ser, um fazer e que não é o dever ser do “crescimento da sociedade”. Na expressão de Curran, “é possível diferenciar entre contextos de produção que estimulam um crescimento da sociedade ou sua subordinação, que promovem a inovação estética ou o tradicionalismo, que realçam ou desmerecem a qualidade”⁸. (CURRAN, 1998, p. 258)

Perguntamos: uma produção que estimule o crescimento da sociedade poderia ter lugar face aos processos reguladores das mídias?

Essa temática remete a discussões cada vez mais urgentes na sociedade brasileira e imprescindíveis para a construção da cidadania: como está, no Brasil, essa mediação organizativa; como estão as posturas regulatórias?

Conhecer as posturas regulatórias, discuti-las, atentar para o campo comunicação/ educação como lugar onde se desenham os sentidos sociais, os quais ficam submetidos a essa realidade, é um trajeto seguro (embora não reto) para a democratização efetiva dos meios.

Discutir se a televisão deve ou não ser usada como recurso didático é importante, mas dar a este tema caráter de centralidade parece-nos um desvio que tem que ser evitado. Busquemos ampliar a discussão: se vamos discutir televisão – e devemos fazê-lo, sim – por que não incluir, por exemplo, a questão da política de concessão de canais no Brasil, qual é e a quem atende.

III

Se olharmos a realidade postados ao rés do chão, conseguiremos ver uma determinada paisagem: se na cidade, veremos parte da extensão de uma rua, seus acessórios (postes de iluminação, por exemplo), algumas casas que caibam em nosso campo de visão e alguma coisa mais. Um outro observador, também ao rés do chão, em

⁷ CURRAN, James et alii. Estudios culturales y comunicación. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998. p. 258.

⁸ CURRAN, James et alii. Estudios ... p. 258



outro ponto da cidade, em outro bairro, verá uma outra rua, outras casas, outros acessórios. Outras variáveis, além dessa que indica o lugar em que nos encontramos, também ajudam a perceber de um ou de outro modo, ainda que no mesmo lugar: entre outras, a faixa etária, a formação familiar, a classe social, a cultura do observador enfim. Um jovem reterá aspectos diferentes daqueles percebidos pelos mais velhos. Um ipê amarelo⁹ poderá chamar a atenção do mais velho, desencadeando nele muitas lembranças, enquanto para o mais jovem provavelmente os modelos mais arrojados dos carros que porventura estejam circulando podem se constituir na grande atração.

Ambos estão na mesma cidade e, se pedirmos a eles que a descrevam, cada um falará certamente do que conseguiu perceber. E, tendo observado bairros que se caracterizam por níveis socioeconômicos díspares, como é comum na realidade brasileira – um de classe A e outro de classe D, por exemplo –, e registrado aspectos mais próximos de seu universo, provavelmente os pontos de interseção entre as “duas” cidades descritas serão poucos.

O conhecimento é como a cidade: se ficarmos apenas num patamar, distanciado das observações que estão sendo feitas por outros, teremos uma visão parcial, fragmentada, incompleta da realidade. Em outras palavras: o conhecimento que cada ciência possibilita – a Sociologia, a Economia etc. – não dá conta do objeto, por si só.

As fronteiras entre os campos de conhecimento tornaram-se fluidas. Embora cada um dos campos guarde suas especificidades (Linguagem, História, Sociologia, Antropologia etc.), há entre eles um intercâmbio permanente, formando novos campos, em outro patamar. Essa dialética entre intercâmbio e especificidade, entre totalidade e particular, num movimento que impede que as disciplinas se fechem em si mesmas e cada uma se considere a melhor, fragmentando a apreensão científica da realidade (que não é compartimentada), é o grande desafio daqueles que se debruçam sobre comunicação/ educação; daqueles que se dispõem a refletir, criticar e construir uma nova variável histórica.

Em apoio a essas reflexões, citamos Morin, que defende a inter, multi e transdisciplinaridade. Diz ele:

Voltemos aos termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transdisciplinaridade, difíceis de definir, porque são polissêmicos e imprecisos.

⁹ A lembrança é do ipê e da poesia de Júlia Lopes de Almeida “Meu ipê, / plantado pela Primavera, / hás de ser dourado, / crescerás, espera. Tuas flores de ouro / recamando o chão/ como moedinhas de valor serão.. Quando os passarinhos/ sobre ti cantarem,/ talvez que os velhinhos/ suspirando, parem. Pena dos velhinhos/ quem não há de ter/ plantam esperanças/ logo vão morrer. Meu ipê dourado/ vives no meu sonho/ és o Sol das plantas / meu ipê risonho!



Por exemplo: a interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica. A multidisciplinaridade constitui uma associação de disciplinas, por conta de um projeto ou de um objeto que lhes sejam comuns; as disciplinas ora são convocadas como técnicos especializados para resolver tal e qual problema; ora, ao contrário, estão em completa interação para conceber esse objeto e esse projeto, como no exemplo da hominização. No que concerne à transdisciplinaridade, trata-se freqüentemente de esquemas cognitivos que podem atravessar as disciplinas, às vezes com tal virulência, que as deixam em transe. De fato, são os complexos de inter-multitrans-disciplinaridade que realizaram e desempenharam um fecundo papel na história das ciências; é preciso conservar as noções chave que estão implicadas nisso, ou seja, cooperação; melhor, objeto comum; e, melhor ainda, projeto comum.¹⁰ (MORIN, 2000. p.115)

Ou seja: para se pensar a totalidade, é preciso que nos localizemos num patamar acima, a partir do qual seja possível “ver” as realidades variadas que habitam a cidade, que habitam a sociedade, compondo, então, o conhecimento delas.

Deste outro patamar pode-se perceber as relações entre as realidades, clareando o conhecimento da sociedade na qual vivemos e na qual vivem os alunos. Por isso, estão presentes no campo comunicação/educação, espaço de convergência de vários saberes, fundamental na construção da cidadania.

A grande disputa entre os meios de comunicação, de um lado, e as tradicionais agências de socialização – escola e família –, de outro, que marca hoje o cotidiano, está diretamente vinculada à questão do conhecimento. Ou seja: para participar ativamente desta luta que ocorre no campo – sejam pais, professores e outros --, é necessário o conhecimento da realidade social, dos valores que regem essa realidade, dos objetivos que a prática desses valores carrega. Isso porque ambos os lados – hegemonia e contra-hegemonia -- pretendem ter a predominância na influência da formação de valores, na condução do imaginário e dos procedimentos dos sujeitos.

Essa arena permanente de luta pela hegemonia na atribuição de significados sociais é uma das características do campo comunicação/ educação. Não podendo perder-se de vista, porém, o já apresentado papel regulador que empresas, por exemplo, exercem sobre os processos e produtos comunicacionais e que tem importância fundamental no “nascimento” da luta pela atribuição de significados sociais.

¹⁰ MORIN, Edgar. A cabeça bem – feita: repensar a reforma; reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.115.



Nesse campo se constroem sentidos novos, renovados, ou ratificam-se mesmos sentidos com roupagens novas, sempre inter-relacionados à dinâmica da sociedade, lugar último e primeiro onde os sentidos verdadeiramente se constroem e se concretizam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos alinhar garatujas que, gostaríamos, pudessem pautar discussões e transformar-se em desenhos artísticos.

Ressaltamos a construção do campo comunicação/ educação como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos conscientes, sem omitir que, tarefa complexa, para tal se exige o reconhecimento dos meios de comunicação não apenas como um outro lugar do saber, mas como uma agência que, atuando juntamente com a escola e outras agências de socialização, tem influência decisiva nos rumos da História.

O que implica outra exigência: a discussão permanente dos rumos da sociedade, pois educadores e educandos somos todos os sujeitos sociais, em todos os territórios de vivência. Ainda que a escola seja privilegiadamente o lugar da reflexão, logo, o lugar do diálogo do saber, ela não é a única responsável pela conjunção deste campo comunicação/ educação.

Também procuramos mostrar que, no processo de reflexão sobre o campo comunicação/ educação, já não cabe discutir se devemos ou não usar os meios no processo educacional ou procurar estratégias de educação para os meios; trata-se de constatar que eles também são educadores, pelos quais passa a construção da cidadania. É desse lugar que devemos nos relacionar com eles. E é esse o lugar onde temos que esclarecer qual cidadania nos interessa.

Saber atuar criticamente com os meios de comunicação, para conseguirmos percorrer o trajeto que vai do mundo que nos entregam pronto, editado, à construção do mundo que permita a todos o pleno exercício da cidadania, destacando sempre: o mundo que habitamos é mesmo esse mundo editado. É ele a “realidade” que conhecemos, a “totalidade” que nos permitem.

No campo da comunicação/ educação circulam essas



situações novas que encontraram sua expressão teórica mais avançada em uma compreensão da cultura como configuração histórica dos processos e das práticas comunicativas. Essas que necessitam, mais do que nunca, articular os saberes quantitativos a um conhecimento qualitativo capaz de decifrar a produção comunicativa de sentido, toda a trama de discursos que ela mobiliza, de subjetividades e de contextos, em um mundo de tecnologias midiáticas, cada dia mais densamente incorporadas à cotidianidade dos sujeitos e cada dia mais descaradamente excludentes dos direitos das maiorias à voz e ao grito, à palavra e à canção¹¹. (MARTÍN-BARBERO, 1998, Prefácio)

Finalizamos com Martín-Barbero, destacando sobretudo a frase final do trecho citado “descaradamente excludentes dos direitos das maiorias à voz e ao grito, à palavra e à canção” para buscar uma síntese do que pretendemos dizer: a disputa no campo comunicação/ educação inclui a luta permanente entre exclusão e inclusão do direito à voz. Lugar de ressignificações de sentidos sociais, mediação que ajuda a conformar a percepção da realidade, assim se desenha a importância do campo comunicação/ educação.

Essa importância reafirma-se a cada dia. Nessa disputa estabelecida – entre meios de comunicação X escola e família – não há ganhadores e perdedores. Evidencia-se, cada vez mais, um intercâmbio de todas as agências de socialização, de todos os territórios “reais” ou “virtuais” na construção da cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURRAN, James *et alii*. **Estudios culturales y comunicación**. Análisis, producción y consumo cultural de las políticas de identidad y el posmodernismo. Barcelona: Paidós, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Prefácio à 5ª. Edição espanhola. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. *Prefácio*. BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma; reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

¹¹ MARTÍN-BARBERO, J. *Prefácio*. BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e linguagem. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.